

STEPHEN FRY

MYTHOS

AS MELHORES HISTÓRIAS DE HERÓIS, DEUSES E TITÃS

minotauro

Tradução

Helena Londres

 Planeta

minotauro

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Copyright © Stephen Fry, 2017
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018
Todos os direitos reservados.
Título original: *Mythos*

Preparação: Laura Folgueira
Revisão: Maitê Zickhur e Dan Duplat
Diagramação, projeto gráfico e ilustrações de miolo: Marcela Badolatto
Capa: Adaptada do projeto gráfico original de John Kennedy
Ilustrações de capa: Sarah Young

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Fry, Stephen

Mythos : As melhores histórias de heróis, deuses e titãs / Stephen Fry ;
tradução de Helena Londres. -- São Paulo : Planeta, 2018.

368 p.

ISBN: 978-85-422-1393-5

Título original: *Mythos*

1. Mitologia 2. Mitologia grega 3. Mitologia clássica 4. Deuses I. Título II.
Londres, Helena

18-1239

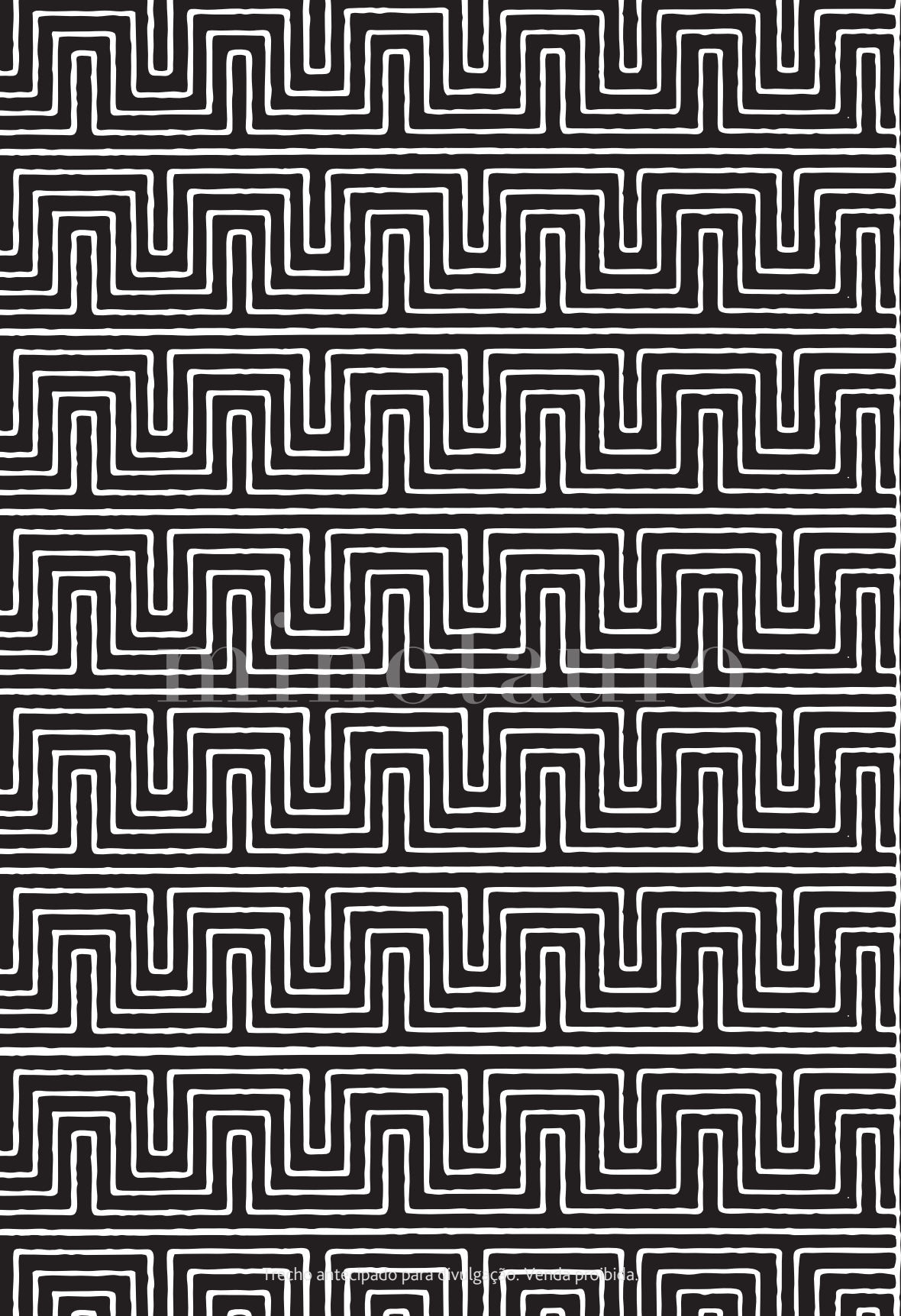
CDD 398.22

2018

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manuel, 100 – 21ª andar
Ed. Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

minotauro

ΓΙΑ ΤΟΝ ΕΛΛΙΟΤΤ ΜΕ ΑΓΑΠΗ



filho de talão

recheio antecipado para divulgação. Venda proibida.

PREFÁCIO

Ainda bem pequeno, tive a sorte de apanhar um livro chamado *Tales from Ancient Greece* [Contos da Grécia Antiga]. Foi amor ao primeiro encontro. Por mais que eu tenha continuado a curtir mitos e lendas de outras culturas e outros povos, sempre houve alguma coisa nessas histórias gregas que me iluminavam por dentro. A energia, o humor, a paixão, a particularidade e os detalhes críveis do mundo deles me enfeitiçaram desde o início. Espero que façam o mesmo por você. Talvez você já conheça alguns dos mitos contados aqui, mas dou boas-vindas especiais àqueles que nunca antes viram as personagens e as histórias da mitologia grega. Não é preciso saber coisa alguma para ler este livro; ele começa com um universo vazio. Com certeza, não há necessidade alguma de uma “educação clássica”, nem de conhecimento sobre a diferença entre néctar e ninfas, sátiros e centauros, ou sobre Moiras e Erínias. Não há absolutamente nada de acadêmico ou intelectual a respeito da mitologia grega; ela é viciante, divertida, acessível e espantosamente humana.

Mas de onde vêm esses mitos da Grécia Antiga? No novelo da história humana, podemos puxar um único fio grego e segui-lo até o início, ainda que, ao escolher apenas uma civilização e suas histórias, alguns possam pensar que estamos tomando liberdades e perdendo o rastro da verdadeira fonte do mito universal. Seres humanos primitivos pelo mundo afora sempre meditaram sobre as fontes de poder que alimentavam os vulcões, as tempestades, os maremotos e os terremotos. Celebravam e veneravam os ritmos das estações, a procissão dos corpos celestes no céu da noite e o milagre diário do nascer do sol. Sempre se questionaram como tudo isso poderia ter se iniciado. O inconsciente coletivo de muitas civilizações contou

histórias de deuses raivosos, deuses moribundos e em renovação, deusas da fertilidade, divindades dos mais diversos formatos, demônios e espíritos do fogo, da terra e da água.

É claro que os gregos não foram os únicos a tecer uma tapeçaria de lendas e saberes a partir do tecido enigmático da existência. Os deuses da Grécia, se olharmos de forma arqueológica e paleoantropológica, remontam aos pais céus, às mães luas e aos demônios do “crescente fértil” da Mesopotâmia – Iraque, Síria e Turquia de hoje. Babilônios, sumérios, acadianos e outras civilizações que floresceram na região muito antes dos gregos tinham suas histórias da criação e seus mitos populares que, assim como a linguagem que os expressava, têm sua ancestralidade localizada na Índia, e daí para o oeste, de volta à pré-história, na África e no local de nascimento da nossa espécie.

Mas, sempre que contamos uma história, temos de cortar o fio da narrativa em algum lugar, a fim de determinar um ponto inicial. É fácil fazer isso com a mitologia grega, porque ela sobreviveu com tantos detalhes, riquezas e cores que a distinguem de outras mitologias. Foi capturada e preservada pelos primeiríssimos poetas e chegou até nós numa linha contínua, desde quase o início da escrita até os dias de hoje. Embora os mitos gregos tenham muito em comum com os chineses, iranianos, indianos, maias, africanos, russos, nativos americanos, hebreus e escandinavos, eles são, de forma singular – como disse a escritora e mitógrafa Edith Hamilton –, “a criação de grandes poetas”. Os gregos foram o primeiro povo a elaborar narrativas coerentes, até mesmo uma literatura, baseada em seus deuses, monstros e heróis.

O arco dos mitos gregos segue o surgimento da humanidade, nossa batalha para nos libertarmos da interferência dos deuses – seu abuso, sua intromissão, sua tirania sobre a vida e a civilização humanas. Os gregos não eram servis diante de seus deuses. Eles possuíam consciência da necessidade vaidosa que as divindades tinham de serem alvos de súplicas e veneração, mas também acreditavam que os homens eram iguais a elas. Seus mitos entendem que, seja lá quem criou este mundo desconcertante, repleto de crueldades, maravilhas, caprichos, belezas, loucuras e injustiças, esse alguém devia também ser cruel, maravilhoso, caprichoso, lindo, louco e

injusto. Os gregos criaram os deuses à sua imagem e semelhança: guerreiros, mas criativos; sábios, mas ferozes; amorosos, mas ciumentos; ternos, mas brutais; compassivos, mas vingativos.

Mythos começa no início, mas não termina no fim. Se eu tivesse incluído heróis como Édipo, Perseu, Teseu, Jasão e Héracles e detalhes da Guerra de Troia, este livro ficaria pesado demais até para um Titã carregar. Além do mais, estou interessado apenas em *contar* as histórias, não em explicá-las ou investigar as verdades e percepções psicológicas e humanas que possam estar por trás delas. Os mitos já são fascinantes o suficiente em seus detalhes perturbadores, surpreendentes, românticos, cômicos, trágicos, violentos e encantadores para se sustentarem sozinhos como histórias. Se, à medida que lê, você não puder deixar de imaginar o que inspirou os gregos a inventarem um mundo tão rico e elaborado em personagens e episódios, e se você se pegar ponderando sobre as profundas verdades incorporadas por esses mitos – bem, isso certamente faz parte do prazer dessa leitura.

E é de prazer que trata a imersão no mundo da mitologia grega.

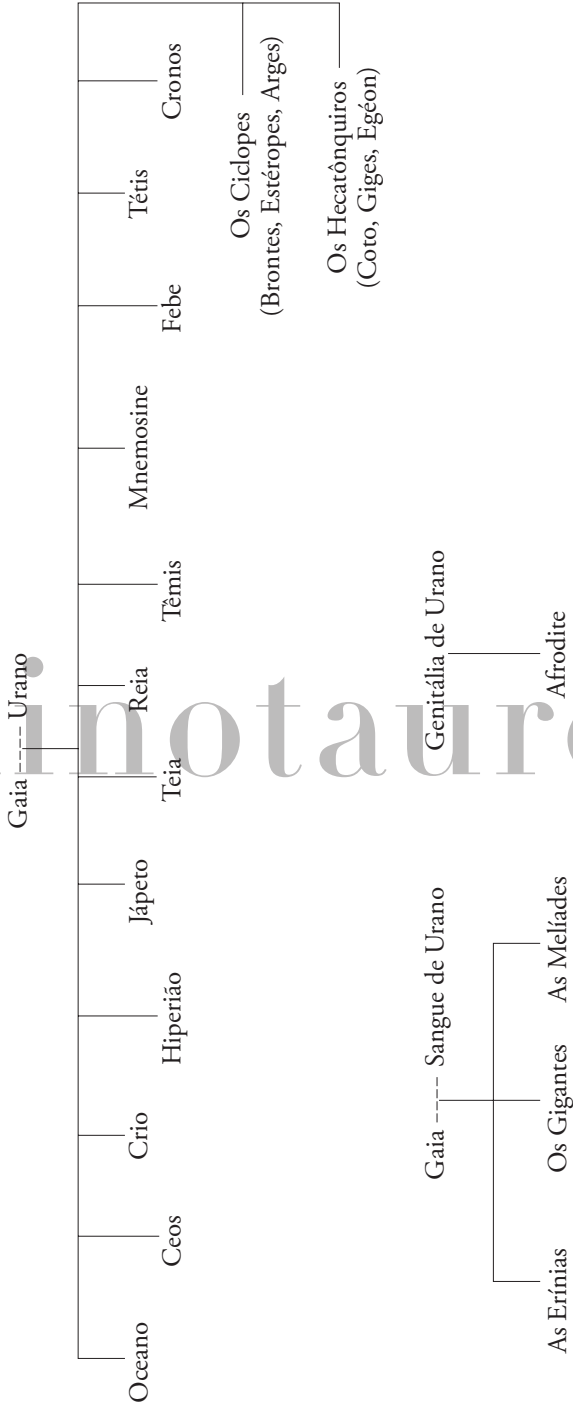
minotauro

Stephen Fry

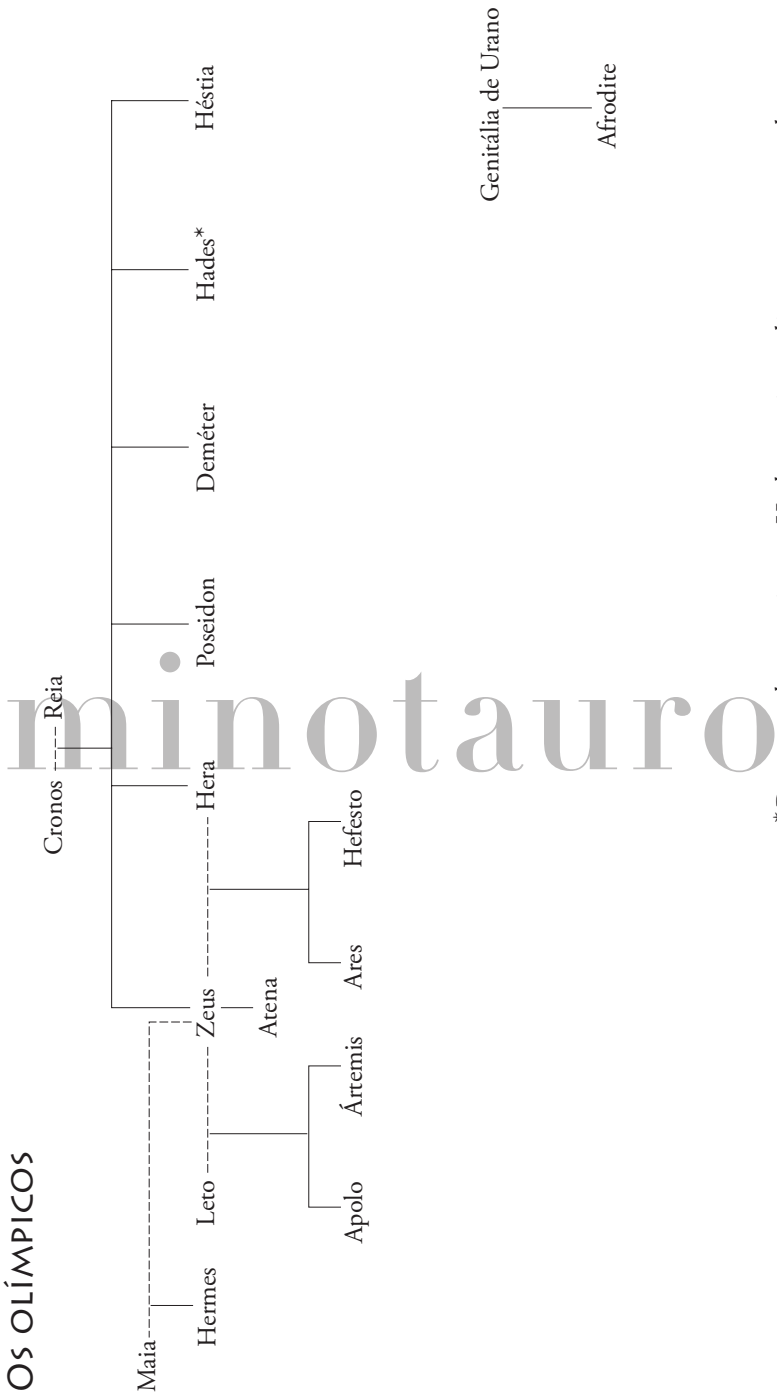




A SEGUNDA ORDEM



OS OLÍMPICOS



** Do ponto de vista técnico, Hades não é um olímpico, visto que ele passava o tempo todo no mundo inferior.*

◊ INÍCIO ◊
PARTE UM
minotauro



Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

DO CAOS

Atualmente, a origem do universo é explicada pelo *big bang*, um evento isolado que fez aparecer instantaneamente toda a matéria da qual tudo e todos são feitos.

Os gregos antigos tinham uma ideia diferente. Eles diziam que tudo começou não com uma explosão, mas com o CAOS.

Será que o Caos era um deus – um ser divino – ou simplesmente um estado de inexistência? Ou seria o Caos, exatamente como a palavra é usada hoje, um tipo de bagunça terrível, como um quarto de adolescente, só que pior?

Pense no Caos como, talvez, algum tipo de grande bocejo cósmico. Como um abismo ou um vácuo que boceja, no vazio da existência.

Se o Caos fez surgir vida e substâncias do nada, ou se o Caos bocejou vida, ou se a sonhou, ou a invocou de alguma outra maneira, eu não sei. Eu não estava lá. Nem você. No entanto, de algum modo, estávamos, porque todas as partes que nos compõem hoje estavam lá. Basta dizer que os gregos achavam que foi o Caos que, com um suspiro intenso, ou um grande encolher de ombros, ou um soluço, vômito ou tosse, começou a longa cadeia da criação que terminou com pelicanos e penicilina e sapotis e sapos, leões-marinhos, leões, mar, seres humanos e narcisos e assassinato e arte e amor e confusão e morte e loucura e biscoitos.

Seja lá qual for a verdade, a ciência hoje concorda que tudo está destinado a *voltar* ao Caos. Esse destino inevitável é chamado de *entropia*: parte do grande ciclo do Caos à ordem e de volta, outra vez, ao Caos. As calças que você veste começaram como átomos caóticos que de alguma maneira se agruparam formando matéria, que se arrumou ao longo de uma eternidade

até virar uma substância viva, que lentamente evoluiu para uma planta de algodão, que foi tecida na coisa linda que recobre suas belas pernas. Daqui a um tempo, você vai abandonar suas calças – espero que não agora – e elas irão apodrecer num aterro ou acabar queimadas. Em ambos os casos, sua matéria será, ao fim, liberta para se tornar parte da atmosfera do planeta. E, quando o sol explodir e levar consigo cada partícula deste mundo, incluindo os componentes das suas calças, todos os átomos constituintes voltarão ao frio Caos. E o que vale para suas calças, claro, vale para você.

Então, o mesmo Caos que começou tudo é também o Caos que terminará tudo.

Agora, você talvez seja o tipo de pessoa que pergunta: “Mas quem ou o que havia *antes* do Caos?” ou “Quem ou o que havia antes do *big bang*? Deve ter havido *alguma coisa*”.

Bom, não havia. Temos de aceitar que não havia “antes” porque ainda não havia Tempo. Ninguém tinha apertado o botão de início do Tempo. Ninguém tinha gritado: *Já!* E, como o Tempo ainda teria de ser criado, advérbios de tempo como “antes”, “durante”, “quando”, “então”, “depois do almoço” e “quarta-feira passada” não tinham nenhum significado. Isso confunde as nossas ideias, mas é isso aí.

A palavra grega para “tudo o que existe”, o que poderíamos chamar de “o universo”, é COSMOS. E neste momento – embora “momento” seja um advérbio de tempo e não faça sentido exatamente agora (nem a expressão “exatamente agora”, aliás) –, neste momento, o Cosmos é Caos e apenas Caos, porque Caos é a única coisa que existe. Um alongamento antes dos exercícios, uma orquestra afinando os instrumentos...

Mas as coisas estão prestes a mudar bem rapidamente.

A PRIMEIRA ORDEM

Do Caos disforme surgiram duas criações: ÉREBO e NIX. O Érebo era a escuridão e a Nix, a noite. Sem demora, eles copularam e os frutos dessa união foram HEMERA, dia, e ÉTER, luz.

Ao mesmo tempo – porque tudo tem de ocorrer simultaneamente até que o Tempo chegue para separar os acontecimentos –, Caos criou mais duas entidades: GAIA, a terra, e TÁRTARO, as profundidades e cavernas abaixo da terra.

Posso adivinhar o que você está pensando. Essas criações parecem bastante charmosas – Dia, Noite, Luz, Profundezas e Cavernas. Mas não são deuses e deusas; sequer são personalidades. Você pode também ter percebido que, como não existia o tempo, não poderia haver narrativa dramática, não poderia haver histórias, porque as histórias dependem de “Era uma vez” e de “O que aconteceu em seguida”.

Você teria razão em pensar assim. O que surgiu primeiro do Caos foram os princípios primevos, elementares, destituídos de qualquer cor, caráter ou interesse reais. Eram as DIVINDADES PRIMORDIAIS, a primeira ordem dos seres divinos, dos quais vêm todos os deuses, heróis e monstros da mitologia grega. Agonizavam e jaziam embaixo de tudo... esperando.

Esse vazio silencioso do mundo foi preenchido quando Gaia teve dois filhos, sozinha.¹ O primeiro foi PONTO, o mar, e o segundo, URANO, o

1. Esse truque do nascimento virgem, ou *partenogênese*, ainda pode ser encontrado na natureza. Em pulgões, alguns lagartos e até em tubarões, é uma maneira razoavelmente comum de ter filhotes. Não há a variação permitida por dois conjuntos de genes; o mesmo acontece com a gênese dos deuses gregos. Os mais interessantes são todos frutos de dois genitores, não apenas um.

céu – mesmo nome do hoje conhecido planeta Urano, nome cujo som diverte crianças inglesas dos nove aos noventa anos. Hemera e Éter também se acasalaram, e da união deles surgiu TÁLASSA, a contraparte fêmea de Ponto, o mar.

Urano, que preferiria que seu nome fosse pronunciado em inglês como Uuranoss, *era* o céu e o firmamento, do ponto de vista de que – bem no início – as divindades primordiais sempre *eram* as coisas que elas representavam e sobre as quais imperavam.² Você poderia dizer que Gaia era a terra das colinas, dos vales, das cavernas e montanhas, mas capaz de adotar uma forma que andava e falava. As nuvens de Urano, o céu, rolavam e se agitavam acima de Gaia, mas também conseguiam se aglutinar numa fisionomia que podíamos reconhecer. Era tudo tão inicial na vida de tudo. Muito pouco estava estabelecido.

minotauro

2. Inclusive, *ouranos* é até hoje a palavra grega para “céu”.